

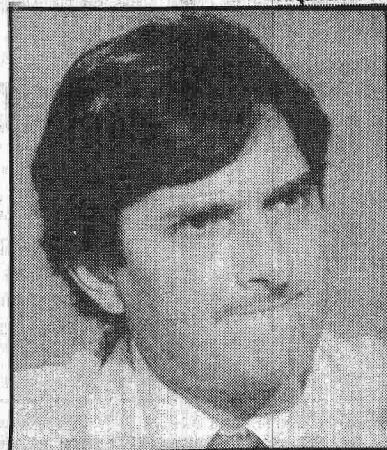
Votos de militares: poucos mas disputados

GUILHERME EVELIN

BRASÍLIA — Está aberta a temporada de caça ao voto fardado. O encontro do candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, com o Comandante da Escola Superior de Guerra (ESG), General Osvaldo Muniz Oliva, deu o sinal verde para o início da corrida pela conquista da simpatia dos militares, com vistas às eleições presidenciais. Esta parcela do eleitorado continua a pesar muito na política brasileira, embora numericamente nem seja tão expressivo: são cerca de 350 mil votos distribuídos entre integrantes das três Armas, afora os dos militares conscritos, impedidos constitucionalmente de votar.

Para angariar a simpatia desse eleitorado — especificamente das suas lideranças — poucos candidatos à Presidência da República dispõem de bons e importantes contatos na área militar. A exceção talvez de Roberto Freire (PCB) e Luís Inácio Lula da Silva (PT), por motivos óbvios, todos os demais candidatos cultivam amizades e ligações com generais, brigadeiros e almirantes.

Entre todos os postulantes à sucessão presidencial, o ex-Governador do Rio Leonel Brizola (PDT) é certamente o mais preocupado em cortejar a área militar. Brizola enfrenta

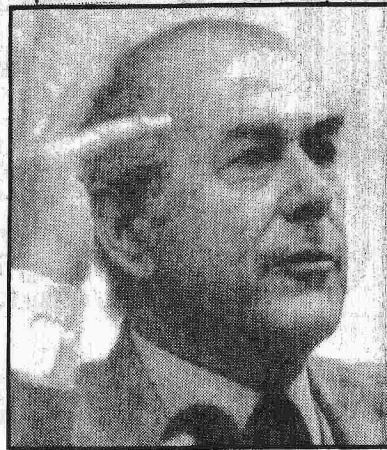


Collor é o preferido da oficialidade

até hoje restrições de alguns setores das Forças Armadas, que não perdoam seu passado. Apesar de decorridos 25 anos da Revolução de 64, o tempo não diminuiu a animosidade de amplos setores militares contra o candidato do PDT. "Tudo continua na mesma", garante importante fonte, próxima ao Ministro do Exército, Leonidas Pires Gonçalves.

A repulsa dos militares, explica esse general, tem um motivo dominante. Ela não se deve a uma controversa ideologia esquerdista de Brizola,

Arquivo/5-5-88

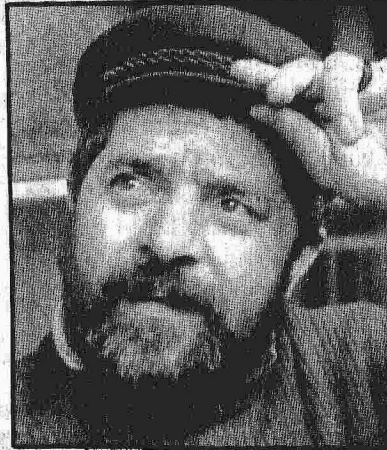


Brizola, um candidato antipatizado

mas à sua atuação antes de 64, quando à época Governador do Rio Grande do Sul chegou a ameaçar com a possibilidade de uma guerra civil para garantir a posse de João Goulart como Presidente da República, na vaga aberta pela renúncia de Jânio Quadros.

Para amainar os ânimos dos militares, o candidato do PDT tem procurado diversos caminhos, como, por exemplo, o de prometer que, se eleito, escolherá seus Ministros militares pelo apaziguador critério da antiguidade.

Arquivo/3-5-88



Lula é criticado até por ser barbudo

No ano passado, Brizola procurou contato com o ex-Ministro-Chefe do Estado Maior das Forças Armadas (EMFA) Brigadeiro Paulo Roberto Camarinha. Camarinha contaria com simpatia na tropa por causa de sua atuação em defesa de melhores soldos. O ex-Ministro-Chefe do EMFA, no entanto, não caiu no canto de sereia de Brizola e alegou que não queria envolver-se com política.

São conhecidas ainda as tentativas do ex-Governador do Rio de construir uma ponte com os militares

Arquivo/7-4-88



Ulysses tem bom trânsito na área

através do ex-Presidente João Figueiredo. Há especulações de que o General Diogo de Oliveira Figueiredo, ex-Chefe do Departamento de Material Bélico e irmão do ex-Presidente, poderia ser chamado para o Ministério do Exército, no caso da eleição de Brizola. Mas esta é uma hipótese que parece fora de cogitação, porque, além de Diogo estar na reserva, o outro dos irmãos Figueiredo — o General Euclides (recentemente preso) — é um antibrizolista ferrenho.